



**“Onde estão os/as sujeitos/as LGBTQI+ na Agroecologia?”:
relato da primeira roda de conversa sobre Diversidade Sexual e de Gênero organizada
pelas Juventudes no XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**

Gabriel Mattos Ornelas¹; Gabriela Antonia da Costa Souza²;
Maurício Leonard de Souza³

Resumo: Este trabalho relata a construção, a metodologia e os resultados da primeira roda de conversa sobre a temática LGBTQIAP+ realizada no XI CBA, em Aracaju/Sergipe, no ano de 2019. A roda de conversa estruturou-se a partir de uma metodologia participativa com performance artística para dialogar e trocar experiências entre as pessoas LGBTQIAP+ de todas as regiões do Brasil, possibilitando um breve mapeamento das/os/es sujeitas/os/es que constroem a agroecologia. Por fim, a atividade resultou em um vídeo para divulgação do encontro e em uma carta com quatro demandas propositivas para ampliação e transformação do campo da agroecologia.

Palavras-chave: Agroecologia; Diversidade Sexual e de Gênero; Roda de Conversa; Congresso Brasileiro de Agroecologia; LGBTQIAP+.

Contexto

O patriarcado destrói, o capitalismo faz a guerra, o sangue LGBT também é sangue sem terra!

A construção da agroecologia no Brasil envolve uma diversidade de sujeitos/as/es, temáticas e áreas do conhecimento, configurando um campo transdisciplinar com enfoque sistêmico e em constante transformação. Durante o IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) em 2018, organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o GT de Juventudes da ANA e o GT de Comunicação do IV ENA identificaram a falta da bandeira que representa a diversidade sexual e de gênero e também a ausência da temática na programação do encontro e dentro do próprio movimento agroecológico (ANA, 2018). Diante dessa lacuna,

¹ Graduado em Gestão Pública, Mestre em Ciência Política e Doutorando em Educação, todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do AUÊ! - Estudos em Agricultura Urbana da UFMG e Coordenador do GT Juventudes da Associação Brasileira de Agroecologia (2020 - 2021).

² Bacharela em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Acre, Especialista em Agricultura Familiar pelo Instituto Federal do Acre e Diplomado Internacional em Agroecologia para a Sustentabilidade pela Universidade Autônoma de Querétaro no México.

³ Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFOP, coordenador do Programa de Extensão Agricultura Familiar na UFOP - NUPEDS e coordenador do Núcleo de Estudos de Agroecologia Inconfidentes



foi criado um grupo nacional de pessoas com o interesse em promover debates e reflexões sobre a questão LGBTQIAP+⁴ no campo da agroecologia.

Os debates sobre a diversidade sexual e de gênero nos encontros do movimento agroecológico é fundamental para promover conexões com outras lutas e ampliar a compreensão de como opera a lógica do modelo capitalista e colonial que fundamenta o agronegócio, e que, por sua vez, fomentam práticas machistas, racistas, misóginas e homofóbicas. De acordo com Estevão Fernandes (2017), a colonização das sexualidades está relacionada à interação de dispositivos raciais, políticos, ideológicos, econômicos e científicos que atingem diversos sujeitos/as/es (camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, dentre outras) a partir da imposição da cisheteronormatividade - base do poder colonial que estruturam o modelo de moral e de família e a divisão sexual do trabalho. Nesse sentido, é fundamental compreender como “raça, sexualidade e poder são uma constante nas formas pelas quais a colonização operou (e opera) cotidianamente, se impondo por meio de regras em torno do que seria, por exemplo, uma família ideal” (FERNANDES, 2017, p. 26). A imposição de papéis de gênero a partir da cisheteronormatividade gera uma série de opressões para as pessoas que se identificam com outras identidades e orientações, colocando-as em uma situação de insegurança, vulnerabilidade e marginalidade⁵, sendo fundamental fomentar essa discussão no espaço agrário brasileiro. Segundo a perspectiva do ecofeminismo queer de Greta Gaard (2011), é fundamental combater tanto as opressões que afetam as mulheres, as pessoas não brancas e a natureza, mas também a repressão do erótico e das sexualidades queer.

Em 2019, a partir de uma demanda do Grupo de Trabalho de Juventudes da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), foi proposta a organização de uma roda de

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outras.

⁵ Atualmente, o Brasil ocupa o 1º lugar em quantidade de homicídios de pessoas LGBTQIAP+ no âmbito das Américas e foi líder mundial em assassinato de pessoas transsexuais e traveis em 2020, de acordo com o relatório da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA), Além disso, segundo os dados do IBGE, a expectativa de vida de travestis e transexuais é de 35 anos. No entanto, existe uma lacuna nas pesquisas no campo da agroecologia para identificar, por exemplo, a porcentagem de jovens LGBTQIAP+ que compõem parte do êxodo rural ou as inúmeras opressões que estão relacionadas à LGBTfobia no campo.



conversa sobre a temática LGBTQIAP+ no XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), ocorrido em Aracaju/Sergipe. Intitulada “Onde estão os/as sujeitos/as LGBTQI+ na Agroecologia?”, a roda foi construída por iniciativa de sujeitos/as/es LGBTQIAP+ de diversas regiões brasileiras, com paridade de gênero e raça, para visibilizar algumas experiências e vivências e refletir sobre como o campo da agroecologia pode incorporar e fortalecer essa pauta, principalmente a partir de pesquisas e processos educativos para conscientização da diversidade afetiva, sexual e de gênero no campo, nas águas, nas florestas e nas cidades.

Descrição da Experiência

Construir a agroecologia como um projeto de soberania contra toda forma de opressão!

O objetivo da roda de conversa foi promover o compartilhamento e a troca de experiências entre as participantes do XI CBA sobre diversidade afetiva, sexual e de gênero, principalmente para visibilizar as/os/es sujeitas/os/es LGBTQIA+ e suas contribuições para fortalecimento do movimento agroecológico. A partir de uma construção coletiva, a proposta metodológica da roda de conversa teve como base a mística e a performance artística para envolver o público e mostrar toda a característica festiva e colorida do movimento LGBTQIAP+. A partir das simbologias de resistência da cor vermelha, foi utilizado um batom vermelho para conduzir a roda de conversa, que ocorreu conforme o Quadro 01.



Quadro 01 - Descrição Metodológica da Roda de Conversa

MOMENTO 1 – Mística de abertura - A Lenda da Boca Vermelha: A roda inicia com Mateus Cerqueira⁶ cantando trechos da música “A Lenda” de Linn da Quebrada⁷. Com um espelho e um batom vermelho na mão, ele pinta os lábios e provoca as pessoas em sua volta com a pergunta “estou bonita ou estou engraçada?”, buscando romper com os estereótipos de gênero. Aos poucos ele se encontra com as/os outras/os mediadoras/es do espaço e empresta o batom para que também se pintem e se juntem à roda.

MOMENTO 2 - Em seguida as/os outras/os participantes da mesa iniciaram as performances, compartilhando através delas, suas lutas, vivências e reflexões:

– **Braço Vermelho - o sangue das pessoas LGBTQIAP+:** Camila Penna⁸ apresenta os dados sobre a população LGBTQIAP+ no Brasil. A partir da sua vivência recente com a perda de uma amiga para a transfobia e da reflexão sobre pessoas virando apenas números nas estatísticas sobre LGBTfobia. Ela se emociona pela dor e sentimento de vulnerabilidade.

– **Testa Vermelha - afeto, reconhecimento e redistribuição:** Gabriel Ornelas apresenta a temática e o processo de construção coletiva da roda de conversa. Reforça a importância da perspectiva feminista de interseccionalidade para ampliar a construção do conhecimento agroecológico com justiça de gênero e racial e para visibilizar tanto as diversidades como as diferenças entre os movimentos sociais. Além disso, enfatiza que as demandas de reconhecimento e redistribuição das sujeitas/os/es LGBTQIAP+ são fundamentais para o fortalecimento da democracia e para a conquista de direitos sociais. A agroecologia pode ser compreendida como um projeto de sociedade que reconhece toda a diversidade de corpos, identidades, afetos e amores. Por fim, informa que a roda também tem o objetivo de homenagear Marielle Franco e Sandro Cipriano⁹.

– **Boca Vermelha - lugar de fala, corpo, vivência e resiliência:** Gabriela Souza passa batom até as laterais do rosto para poder rasgar sua boca e ampliar sua voz da floresta para o mundo, que vem cheia de denúncias e relatos enquanto uma mulher afroindígena, amazônica, bissexual e mãe, finalizando sua participação com a recitação da música “Mulher” da Ana Caas¹⁰ e convida Linda Brasil a juntar-se à roda.

– **O Corpo Vermelho da História:** Maurício Leonard tira a roupa e fica apenas de sunga, com peneira, baldes e sacos com pó de carvão, terra e urucum, cada um dos materiais são peneirados sobre o seu corpo enquanto canta o “Canto das Três Raças”. Por último, foi aspergida água com ramos de ervas sobre os presentes, entoando junto com Nathane Alves¹¹ um trecho de uma música de capoeira: “Santo Antônio, eu quero água”, simbolizando um banho coletivo junto aos presentes.

MOMENTO 3: Nesse momento, a roda conta com a participação de Linda Brasil¹² que relata a sua vivência como mulher trans no Brasil, compartilhando suas experiências acadêmicas e profissionais, seu ativismo político, suas dores, denúncias e resiliências. Além disso, Adriano Matos, do Coletivo LGBT do MST, enfatiza que a agroecologia, enquanto um projeto holístico, precisa lutar contra todas as opressões, além de apresentar a construção do seu coletivo em diálogo com a luta pela reforma agrária.

MOMENTO 4: Ao final dessas ações, foi servido um banquete de frutas, acompanhado da seguinte reflexão: De qual fruta você gosta? Você come, lambe, chupa e morde? As bandejas continham diversas frutas regionais que foram oferecidas para o público chupar, morder, lamber, sugar, apertar e saborear (alimento ancestral/sensual ou sensorial). Nos colocamos enquanto biodiversidade, corpos/as frutas diversas como a natureza. A síntese é de que a natureza é diversidade e a construção da agroecologia tem que levar em consideração tanto a biodiversidade como a diversidade afetiva, sexual e de gênero. Além disso, foram distribuídos barcos de papel cor de rosa para o público escrever relatos, sugestões e poesias - um compromisso para navegarmos juntas na construção de uma sociedade que respeite e valorize toda a diversidade! Por fim, todo o público entoou: *Marielle Franco, presente! e As trans, as bi, as gay e as sapatão, tão junto com as pretas pra fazer revolução!*

⁶ Bacharel em Engenharia Florestal.

⁷ Cf. <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/a-lenda/>

⁸ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

⁹ Uma carta para Sandro. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/uma-carta-para-sandro/> Acesso em: 01/10/2021.

¹⁰ Cf. <https://www.lettras.mus.br/ana-caas/mulher/>

¹¹ Artista cênica e educadora.

¹² Em 2020, Linda Brasil foi a vereadora mais votada em Aracaju.



Resultados e Discussões

*Valorizar a agrobiodiversidade e também respeitar a diversidade afetiva, sexual e de gênero!
Transgênicos NÃO, Transgêneros SIM!*

A roda de conversa proporcionou uma série de debates e trocas de experiências através dos relatos de pessoas LGBTQIAP+ de todas as regiões do Brasil, possibilitando um breve mapeamento das/os/es sujeitas/os/es que constroem a agroecologia. Além disso, a atividade resultou em um vídeo para divulgação do encontro¹³ e uma carta¹⁴ com quatro demandas propositivas para o campo da agroecologia: (1) coletar dados e incentivar as pesquisas sobre a questão LGBTQIAP+ no campo e nas experiências de agroecologia; (2) criar um eixo para submissão de trabalhos que dê visibilidade para pesquisas orientadas pela perspectiva interseccional - gênero, raça, classe e sexualidade; (3) ações afirmativas para criar condições e apoios que viabilizem a participação de pessoas trans e travestis no CBA; (4) promover editais e projetos para incentivar pesquisas e ações sobre a população LGBTQIAP+ na agroecologia.

Considerações Finais

Se há LGBTfobia, não há agroecologia!

A primeira roda de conversa sobre a temática LGBTQIAP+ no CBA foi um momento especial construído coletivamente e que permitiu aproximar diversos movimentos sociais que têm como pauta a valorização da diversidade, especificamente o movimento agroecológico e o movimento LGBTQIAP+. Ademais, a ação utilizou-se metodologicamente da performance artística como forma de visibilizar a diversidade expressiva e subjetiva do movimento LGBTQIAP+, sua importante contribuição na construção de processos educativos e na promoção de lutas sociais e pesquisas interseccionais e multidisciplinares para o campo da

¹³ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=eTxcddaOOxQ>.

¹⁴ Cf. <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6434/4586>.



agroecologia. Para além de uma pauta de reconhecimento ou identitária, a temática possibilita criar conscientização, reparação, redistribuição e justiça social para a transformação dos sistemas alimentares ao agroecologizar as/os/es sujeitas/os/es, suas diversidades e afetos.

Agradecimentos

Ao GT de Juventudes da ANA e à equipe de coordenação do CBA por todo apoio para realização da roda de conversa. À Marielle Franco, Sandro Cipriano (em memória) e à Linda Brasil por toda representativa e conquistas para o movimento LGBTQIAP+.

Referências bibliográficas

ANA. Articulação Nacional de Agroecologia. **Carta política [do] IV ENA: agroecologia e democracia unindo campo e cidade.** - Rio de Janeiro : AS-PTA: Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2018.

FERNANDES, Estevão R. **“Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil.** Curitiba: Editora Prismas, 2017. 245p.

GAARD, Greta Claire. **Rumo ao ecofeminismo queer.** Estudos Feministas, Florianópolis, n. 19, v. 1, 2011.



Anexo

Relatoria Gráfica da Roda de Conversa:

“Onde estão os/as sujeitos/as LGBTQI+ na Agroecologia?” - XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2019.

